

Poema divulgado em folheto a 23/3/45, pela União dos Trabalhadores Intelectuais (UTI), republicado no *Correio da Manhã*, de 29/3/45 e em *O Jornal*, na mesma data.

Carlos Drummond de Andrade

*Mal foi amanhecendo no subúrbio
as paredes gritaram: anistia.*

*Rápidos trens chamando os operários
em suas portas cruéis também soavam
anistia, anistia.*

*Os bondes vinham cheios. Taboetas
já não diziam Muda, Méier, Barcas.
Uma palavra só, nelas gravada:
anistia.*

*Os jornaleiros brandem um papel
de dez metros de alto por cinqüenta.
Nesse cartaz imenso, em tinta rubra:
anistia.*

*Já as lojas pararam de vender.
Os vidros, os balcões se rebelando
beijam teu nome, roçam tua imagem,
anistia.*

*Se olho para as rosas: anistia.
Para os boeiros da City, para os céus,
para os montes em pé nas altas nuvens:
anistia.*

*Anistia nos becos, nos quartéis,
nas mesas burocráticas, nos fornos,
na luz, na solidão: só anistia.*

*E bate um sino. Um remo corta a onda.
Alguém corre na praia. Estes sinais
querem dizer apenas, sem disfarce,
anistia, anistia.*

*A sorte corre hoje. Último número.
Compro o bilhete. Para decifrá-lo,
não preciso de códigos. Avisa-me:
anistia.*

*Anistia: teu nome se dispersa
no vento de Ipanema e do Leblon
para condensar, sopro terníssimo,
sobre todas as casas: anistia.*

*Esta é a voz dos mortos sob o mármore,
é a voz dos vivos no batente. Ouço
mil bocas em silêncio, murmurando:
anistia.*

*E ouço as pedras na rua, ouço os insetos,
ouço os andaimes, ouço os guardachuvas,
ouço tudo rangendo, reclamando
anistia.*

*Vem, pois, ó liberdade, com teu fogo
e tua rosa rebelde nos cabelos.
vem trazer os irmãos para o sol puro
e incendiar – de amor – os brasileiros.*